

NARRATIVAS DE VIDA E A LITERATURA: É TEMPO DE ESPERANÇAR

Autoras: Profa. Dra. Andréa Antonieta Cotrim Silva, Profa. Dra. Cielo Griselda Festino e Profa. Dra. Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

Após períodos conturbados, como durante ou após guerras, tragédias climáticas, fome, miséria e pandemias, por exemplo, é comum ouvir-se que é preciso ter esperança nos tempos vindouros. Contudo, ter esperança não é esperar e sim esperarçar, como nos ensina Paulo Freire (Pedagogia da esperança, 1992): “Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo”.

Nosso objetivo é refletir sobre narrativas de vida representadas literariamente, cujo principal mote seja o “esperançar”, verbo que exige ações e tomadas de consciência essenciais para nossa contemporaneidade repleta de fraturas. Para nossas reflexões, abordaremos obras de autoras indianas, africanas e brasileiras.

Vale ressaltar que as narrativas de vida são formas particulares de autobiografias, definidas por Smith e Watson (2010) como “um ato de autorrepresentação através de todos os tipos de mídia que consideram a vida do enunciante como seu principal sujeito tanto em forma escrita, performativa, visual, fílmica ou digital”. Essas narrativas refletem significativamente na literatura, por meio de metaficções, autoficções, memórias literárias, entre outros gêneros híbridos, entre o literário e o autobiográfico. Lígia Menna discutirá a obra “Minha vida não é cor-de-rosa”, de Penélope Martins; Andrea Cotrim falará sobre o conto “No seu pescoço” de Chimamanda Ngozi Adichie e Cielo Festino sobre o romance *Karukku* da autora indiana Bama.